

Epistemologia e Metafísica: Notas sobre o intelecto Agente em Averróis

Arthur Klik de Lima¹

A noética de Averróis é constituída a partir de uma ampla análise da obra de Aristóteles, mas que também envolve considerar a presença de tradições distintas. E mesmo que seja possível destacar a presença dominante do estagirita, muitas vezes, ele se apresentará acrescido de outros elementos, oriundos de outras tradições de pensamento. Neste sentido, é possível afirmar que diversos elementos são transformados ao longo desta análise, e alguns deles já chegam até Averróis completamente absorvidos pela grande tradição dos leitores de Aristóteles.

O desenvolvimento da teoria do intelecto separado em Averróis pode ser compreendido como uma tentativa de continuidade do que foi desenvolvido por Aristóteles em sua obra. Neste sentido, tornam-se muito amplas as possibilidades de abordar essa questão em sua obra, que vão desde questões relativas à metafísica, até o *De Anima*, cujo *Grande Comentário* de Averróis orienta majoritariamente esta apresentação, ainda que tenhamos feito algumas recorrências a outras obras.

Um dos maiores exemplos destas transformações, que recebeu as mais diversas tentativas de classificação, é o intelecto agente². Tomado pela *falsafa* como um princípio agente separado, aquele que possui em si a capacidade de tornar todas as coisas em ato, foi motivo de grande discussão entre os leitores do estagirita. Estes produziram múltiplas leituras, dentre as quais analisaremos uma das mais controversas e de grande importância para o século XIII cristão³.

Neste sentido, pretendemos aqui apresentar alguns elementos que foram mobilizados por Averróis para caracterizar seu intelecto agente como uma substância separada da matéria, e também como a fonte de toda inteligibilidade do mundo sensível. Faz-se, assim, necessário tecer alguns comentários a respeito da influência que algumas leituras desta tradição exerceram nas definições deste intelecto, sobretudo, na leitura que Averróis faz de Alexandre de Afrodísias e Temístio, cuja influência é facilmente observável em sua obra.

Além disso, também é possível apontar algumas passagens do *De Anima* de Aristóteles que parecem ter contribuído mais diretamente para as interpretações divergentes, em

1 Universidade Federal de Lavras

2 Há um longo caminho de transformação desde o *nous poietikós* de Aristóteles, passando pelo *Al-'aql al-fa'al* da *falsafa*, até o *intellectus agens* dos latinos.

3 A recepção das obras da filosofia árabe pelos cristãos será uma das principais fontes para a discussão a respeito do intelecto neste século. Destacamos o problema da unidade do intelecto, cuja fonte parece ser a recepção da tese a respeito do intelecto material desenvolvida no *Grande Comentário ao De Anima* de Averróis.

alguma medida, direcionando as limitações encontradas por seus leitores em compreender, por exemplo, o que Aristóteles quer dizer com expressões como: *E este é o entendimento separável, impassível e sem mistura, sendo em essência uma atividade* (*De Anima*, 430a 18-20)⁴. O que também pode ser visto na passagem do *De Generationem Animalium*: *...somente o intelecto vem de fora, e somente ele é divino* (*De Generationem Animalium*, 736b 28).

Tais leituras, que parecem contribuir para certa incompreensão de seus leitores, ao serem associadas à problemas conceituais de outras culturas, é que acabam por solidificar o que chamamos aqui genericamente de tradição. Esta associação, entre a leitura de um autor, e a sua recepção a partir de questões conceituais oriundas de outro contexto específico, fundam novos horizontes de questionamentos e problemáticas. Sendo possível destacar, a partir de nosso objeto de análise, algumas linhas interpretativas que possuem certo papel dominante; distinguindo-se umas das outras, por meio dos graus de separação do intelecto agente que cada uma destas lhe atribui.

Além disso, considerando que o inteligível é alcançado por meio de imagens sensíveis abstraídas, é também necessário considerar as afirmações do capítulo 7 do *De Anima*, na conhecida afirmação da unidade da percepção, quando o intelecto e aquilo que é conhecido tornam-se um só. É preciso ter em mente que tal perspectiva parece condicionar o conhecimento àquilo que é próprio da composição, enquanto aquilo que é em si mesmo imaterial parece restar como interdito à cognição do homem. Também é necessário considerar que Aristóteles deixa a resposta sobre o conhecimento daquilo que é separado para outra obra, nunca escrita (*De Anima*, 431b 18-20). Isso se torna um grande problema para Averróis, pois ele tentará dar conta de tal resposta em sua obra.

Segundo Averróis, algumas leituras a respeito do intelecto que se orientam por uma perspectiva materialista vão conceber a impossibilidade de qualquer espiritualização deste, afirmando, ao contrário, que não há qualquer diferença de nível entre o pensamento e a sensação, e que este seria apenas mais um aspecto inerente ao corpo. Este ponto parece não ser o foco principal da análise, mas direciona alguns apontamentos que parecem estar seguindo a mesma direção metodológica que o estagirita, analisando uma questão sempre partindo de uma reconstrução de seus fundamentos.

Outros, como ele aponta, se apoiarão em uma leitura menos materialista, pois não se reduz ao aspecto material, mas sim na imanência na relação entre homem e intelecto⁵. Pois afirma que o intelecto agente guarda com a alma uma relação essencial e, de algum modo, está unido a ela. Este ponto marca a presença importante do pensamento de Temístio, uma das principais fontes de Averróis para as questões sobre o intelecto.

Ainda é possível acrescentar uma terceira leitura a respeito do intelecto agente, cuja característica marcante reside no caráter transcendental da relação entre homem e intelecto separado. Neste contexto, seu representante mais célebre parece ser Alexandre de Afrodísia, por sua identificação do intelecto agente com a causa primeira do universo. Tal leitura seja aquela que, provavelmente, possui a maior reverberação, sobretudo entre escolas de pensamento com influências diretas de religiões monoteístas, onde também adquire grande notoriedade em associação ao pensamento neoplatônico (Cf. DAVIDSON, 1992. p. 15-16).

4 As divergências relativas a leituras sobre o intelecto se focam basicamente nos capítulos 4 e 5, do livro três do *De Anima* de Aristóteles.

5 Averróis atribui, no *Grande Comentário ao De Anima*, a Teofrasto e Temístio a responsabilidade por tal leitura. Cf. *Averrois Cordobensis commentarium magnam in Aristotelis De anima libros*.p. 389

Averróis segue pela mesma orientação que seus predecessores, e separa esse princípio da composição. De maneira geral, a *falsafa* vai conceber seu intelecto agente como a substância inteligível mais baixa dentre a hierarquia das inteligências separadas. Cumpre dizer que considerá-la como a mais baixa nesta hierarquia diz respeito apenas a proximidade que esta substância separada encontra em relação aos seres compostos. A separação do intelecto agente não o compromete com a geração e a corrupção, ao contrário, separá-lo parece ter como uma das principais orientações exatamente o afastamento desta condição transitória. Por sua vez, Averróis também vai considerá-lo desta maneira (Cf. AVERRÓIS, *Compendio de Metafisica*. p. 255.)

É possível dizer que o enfrentamento definitivo desta questão ocorra no *Grande comentário ao De Anima*, onde a solução parece ficar a cargo da separação total dos intelectos de qualquer âmbito da composição. Tanto o intelecto agente, quanto o chamado por ele de intelecto material, restarão completamente separados dos indivíduos, embora apenas a separação do material constitua alguma novidade para essa discussão.

Um aspecto a ser notado é que Averróis não restringe a atividade do intelecto agente apenas a de uma causa eficiente, pois concebe que este tipo de causalidade simplesmente leva ao ato o que se encontrava em potência. Para ele, a estrutura das inteligências separadas não pode se ocorrer exclusivamente através de causas eficientes. De maneira resumida, podemos afirmar que, se tal ocorre por meio de uma causa eficiente, o que ela faz é engendrar o ser em algo, e tal relação trará algo que estava em potência, ao ato. Mas, para Averróis, os intelectos separados têm potencialidade apenas em sentido relacional, i.e., somente quando relacionadas umas às outras, não resta a possibilidade de atualização de qualquer potencialidade. Cada inteligência possui em si mesma uma causa eficiente imediata, e o primeiro princípio como causa final remota. Ademais, a causa primeira será também a causa final de Toda a estrutura dos intelectos separados da matéria, e isso parece ser o ponto fundamental para coordenar a relação entre as inteligências e os seus graus hierárquicos, Vejamos:

Sabemos, com efeito, que todos os corpos celestes em seu movimento diurno, e a esfera das estrelas fixas, concebem uma mesma forma e todos eles, em seu movimento diurno, são movidos por um e mesmo motor, que é o motor da esfera das estrelas fixas; e sabemos também, que eles têm movimentos particulares diferentes. Portanto, é necessário que seus movimentos procedam em parte de seus diferentes motores, e, em parte – a saber, por meio da conexão de seus movimentos com a primeira esfera – de um único motor. (*Averrois Cordubensis commentariorum magnorum in Aristotelis De anima libros*. p.138)

A tentativa de compreender a natureza do intelecto agente parece também demandar o estudo da relação que esta inteligência estabelece com seus semelhantes e, sobretudo, com seu princípio. Pois Averróis parece compreender a existência de certa analogia possível entre o movimento eterno das entidades celestes, com a relação que se desenrola entre o intelecto agente separado e a humanidade. Além disso, como é possível afirmar que não existe potencialidade nestas inteligências, qual será o critério para distingui-las? Ou ainda, como será possível separá-las do primeiro princípio?

Podemos afirmar, de certo modo, que Averróis vai sustentar certa estrutura hilemórfica nas inteligências separadas, ainda que as considere como inteligências puras e subsistentes. E a consideração desta estrutura é que será o modo de introduzir algo de potencialidade nestas inteligências, permitindo que se estabeleça a distinção entre elas e,

principalmente, entre as inteligências e o ato puro. Ainda que não recorra diretamente a uma teoria da emanação⁶, a distinção entre as inteligências se dará através da observação de uma relação de causalidade entre elas, pois a atividade de uma inteligência separada tem como orientação principal o primeiro ato (Cf. MARQUÊS, 1987, p. 97). No entanto, a percepção que cada uma possui deste primeiro varia em graus de aproximação, o que, para Averróis, é um critério suficiente para que se possa introduzir algo de potencial nestas e também diferenciá-las.

Em outras palavras, o que fundamenta o critério que permite diferenciar estas substancias tem sua base em uma analogia vista a partir dos entes compostos. Uma vez que os seres materiais se organizem numa relação de matéria e forma, isso indica que essa forma de estruturação consistirá em uma espécie de padrão no universo. Ainda que não sejam exatamente iguais, deve-se ter em conta a presença desses elementos. Averróis parece ter em conta que há composição nas inteligências separadas, ainda que esta composição não seja de natureza material, como nos entes sujeitos à geração e à corrupção.

Em termos de identificação, é possível dizer que isso somente ocorre de maneira plena no primeiro princípio. Nas demais inteligências, embora não exista alteração como a dos seres compostos que passam pelos movimentos da geração e da corrupção, a identificação só não é perfeita pois a causa destas lhes é externa, o primeiro princípio. Podemos dizer que os intelectos separados contemplam a si mesmos, mas desejam a perfeição do primeiro.

Como já foi dito na filosofia primeira que não existe forma livre de potencialidade em absoluto, exceto a primeira forma, que não entende nada fora de si, mas sua essência é sua quiddidade; enquanto as outras formas são, em algum modo, diversas em quiddidade e essência. (*Averrois Cordubensis commentarium magnam in Aristotelis De anima libros. p. 410.*)⁷

O primeiro princípio é Deus, mas este não constitui, para Averróis, o princípio de uma série, nenhum dos demais princípios se assemelha a ele em perfeição. Este parece ser o ponto de partida para o estabelecimento de uma ordem nas inteligências separadas. Ao admitir a precedência de um puro ato, tudo mais no cosmo passa a tomá-lo como sua meta, e mesmo o potencial que se encontra nas inteligências separadas, precisa ser tomado a partir deste primeiro ato. Assim, podemos afirmar que uma inteligência separada tem sua definição possível a partir do modo como manifesta sua contemplação de si própria e de seu princípio, o ato puro. Para Averróis, é isso o que torna possível definir e compreender certa gradação hierárquica nestas inteligências (TAYLOR, 1998. p. 517). Todo ente diferente do princípio carregará consigo algo de potencial.

Como foi dito anteriormente, Averróis parece compreender a relação que o intelecto agente estabelece com a humanidade a partir dessa relação de potencialidade que há nas inteligências separadas. Quanto mais potencial é uma inteligência, também será necessário considerá-la como mais múltipla e complexa em seu entendimento. Em outras palavras, mais afastado da unidade estará sua compreensão do princípio (Cf. MARQUÊS, 1987. p. 99).

Neste sentido, pode-se afirmar que o intelecto agente possui a mais complexa das atividades relativas a uma inteligência separada, pois é uma substância separada, mas que

6 Para DAVIDSON (1992, p. 266), Averróis recorreu a uma teoria da emanação em seu primeiro comentário ao *De Anima*, mas abandona essa posição ao longo de sua vida intelectual.

7 *Et iam declaratum est in Prima Philosophia quod nulla est forma liberata a potentia simpliciter, nisi prima forma, que nichil intelligit extra se, sed essentia eius est quidditas eius; alie autem forma diversantur in quidditate et essentia quoquo modo.*

atende a uma multiplicidade de indivíduos. Vale lembrar, Averróis também destaca isso em diversas obras, que o contato estabelecido pelo intelecto agente com a humanidade, não compromete em nada sua natureza separada, pois é o homem que depende deste intelecto para completar sua atividade cognitiva, e não o contrário. O alcance de qualquer nível de unidade na cognição do homem, tem relação direta com a ação do intelecto agente separado. O que é realizado prioritariamente pelas almas individuais é a organização de sua multiplicidade, no sentido de apresentar ao intelecto separado o motor para sua realização. A alma que busca a unidade que é própria ao conhecimento, consegue encontra-la apenas na conjunção com o intelecto agente.

Averróis vai compreender a potencialidade das Inteligências separadas através de uma analogia com o que ele chama de intelecto adquirido nos homens. Nesse caso, a identificação que o homem pode alcançar com o intelecto agente para realizar uma conjunção e completar seu processo cognitivo deve ser individualmente conquistada. Os intelectos separados possuem a ciência a partir de sua própria essência, que é puro conhecimento. O homem, por sua vez, realiza movimento inverso, e tem a chance de compreender algo de sua própria essência a partir da ciência que produz sobre a natureza. Averróis é um grande defensor da prática científica, pois esta será tomada por ele como um dos caminhos naturais que os homens possuem para o conhecimento de suas essências, e mais importante, de seu princípio.

O intelecto agente de Averróis parece não ser apenas a causa eficiente do conhecimento, mas também o referencial formal para o intelecto humano enquanto disposição. Pode-se compreender, a partir da afirmação de Averróis, de que o intelecto agente é forma em nós (*forma nobis*):

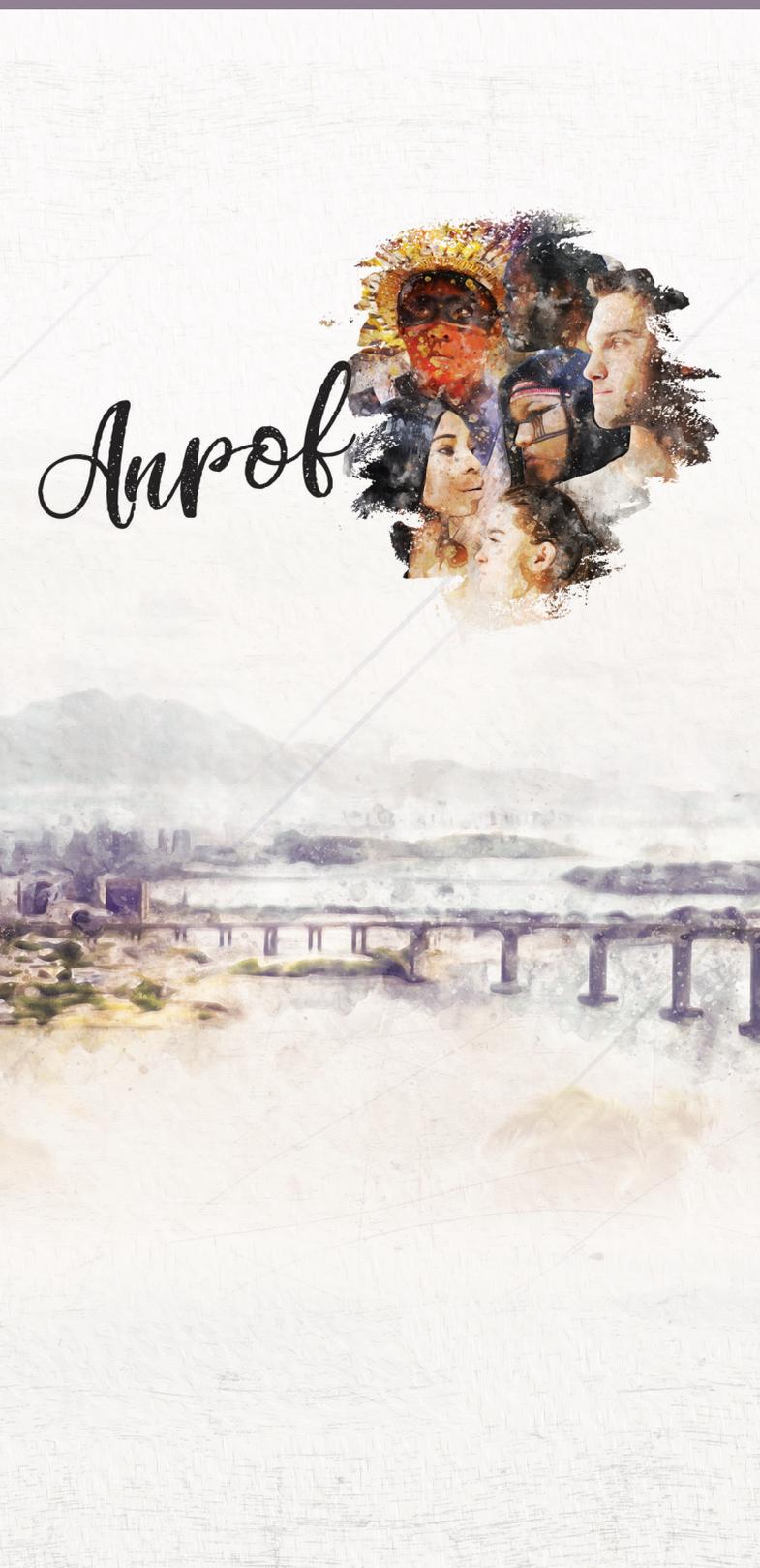
Desse modo, aquilo pelo qual algum agente aperfeiçoa sua própria ação é uma forma; assim, como nós aperfeiçoa nossa própria ação através do intelecto agente, é necessário que o intelecto agente seja nossa forma. (*Averrois Cordubensis commentarium magnam in Aristotelis De anima libros.p.499-500*)⁸

A relação da humanidade com este intelecto separado não é apenas a de tomá-lo como fonte de inteligibilidade e unidade do sentido da cognição, mas também em uma condição de natural aproximação. Em outras palavras, aproximar-se do divino poderá ser entendido como esta tentativa de identificação com o intelecto agente.

⁸ *Quoniam, quia illud per quod agit aliquid suam propriam actionem est forma, nos autem agimus per intellectum agentem nostram actionem propriam, necesse est ut intellectus agens sit forma in nobis.*

Referências bibliográficas:

- ARISTÓTELES. *Sobre a alma*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2010.
- AVERROIS. *Averrois Cordubensis commentarium magnvm in Aristotelis De anima libros*. Ed. F. Stuart Crawford. Cambridge, Massachusetts. 1953.
- _____. *Averroes' Tahafut al-tahafut : (The incoherence of the incoherence)*. Tradução de Simon Van den Bergh. London : Oxford University Press, 1954.
- _____. *Long Commentary on the De Anima of Aristotle. Translated and with introduction and notes by Richard C. Taylor with Thrérèse-Anne Druart, subeditor*. New Haven & London: Yale University Press, 2009.
- AVERRÓIS. *Compendio de Metafísica*. Trad. Carlos Quirós Rodríguez. Madrid: Real Academia de Ciencias Morales y Políticas, 1919.
- DAVIDSON, Herbert. A. *Alfarabi, Avicena, and Averrois, on intellect / Their Cosmologies, theories of the active intellect, and theories of human intellect*. Oxford University Press, 1992.
- DRUART, T. Averroes's Long Commentary on Aristotle's De Anima and direct Knowledge of separate beings. In: *La Lumière de l'intellect – La pensée scientifique et Philosophique d'Averroes dans son temps*. Leuven: Éditions Peeters, 2011.
- MARQUÉS, A. La polémica sobre el ser em avicena e averroes latinos. In: *Anuário Filosófico*, 1987.
- TAYLOR, R. The Agent Intellect as 'form for us' and Averroes's Critique of al-Farabi. In: *Tópicos*. México: Universidad Panamericana, 2005, n. 29.
- _____. Averroes' Philosophical conception of separate intellect and God. In: *La Lumière de l'intellect – La pensée scientifique et Philosophique d'Averroes dans son temps*. Leuven: Éditions Peeters, 2011.
- _____. Averroes on Psychology and the Principles of Metaphysics. *Journal of the History of Philosophy* - Volume 36, Number 4, October 1998, pp. 507-523.



Filosofia Medieval

Alfredo Storck

Ana Rieger Schmidt

Cristiane Negreiros Abbud Ayoub

Jorge L. Viesenteiner

Manoel Vasconcellos

Nilo César B. Silva

(Orgs.)



Filosofia Medieval

Alfredo Storck

Ana Rieger Schmidt

Cristiane Negreiros Abbud Ayoub

Jorge L. Viesenteiner

Manoel Vasconcellos

Nilo César B. Silva

(Orgs.)



ANPOF - Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia

Diretoria 2019-2020

Adriano Correia Silva (UFG)
Antônio Edmilson Paschoal (UFPR)
Suzana de Castro (UFRJ)
Franciele Bete Petry (UFSC)
Patrícia Del Nero Velasco (UFABC)
Agnaldo Portugal (UNB)
Luiz Felipe Sahd (UFC)
Vilmar Debona (UFMS)
Jorge Viesenteiner (UFES)
Eder Soares Santos (UEL)

Diretoria 2017-2018

Adriano Correia Silva (UFG)
Antônio Edmilson Paschoal (UFPR)
Suzana de Castro (UFRJ)
Agnaldo Portugal (UNB)
Noéli Ramme (UERJ)
Luiz Felipe Sahd (UFC)
Cintia Vieira da Silva (UFOP)
Monica Layola Stival (UFSCAR)
Jorge Viesenteiner (UFES)
Eder Soares Santos (UEL)

Diretoria 2015-2016

Marcelo Carvalho (UNIFESP)
Adriano N. Brito (UNISINOS)
Alberto Ribeiro Gonçalves de Barros (USP)
Antônio Carlos dos Santos (UFS)
André da Silva Porto (UFG)
Ernani Pinheiro Chaves (UFPA)
Maria Isabel de Magalhães Papaterra Limongi (UPFR)
Marcelo Pimenta Marques (UFMG)
Edgar da Rocha Marques (UERJ)
Lia Levy (UFRGS)

Diretoria 2013-2014

Marcelo Carvalho (UNIFESP)
Adriano N. Brito (UNISINOS)
Ethel Rocha (UFRJ)
Gabriel Pancera (UFMG)
Hélder Carvalho (UFPI)
Lia Levy (UFRGS)
Érico Andrade (UFPE)
Delamar V. Dutra (UFSC)

Diretoria 2011-2012

Vinicius de Figueiredo (UFPR)
Edgar da Rocha Marques (UFRJ)
Telma de Souza Birchall (UFMG)
Bento Prado de Almeida Neto (UFSCAR)
Maria Aparecida de Paiva Montenegro (UFC)
Darlei Dall'Agnol (UFSC)
Daniel Omar Perez (PUC/PR)
Marcelo de Carvalho (UNIFESP)

Produção

Antonio Florentino Neto

Editor da coleção ANPOF XVIII Encontro

Jorge Luiz Viesenteiner

Diagramação e produção gráfica

Editora Phi

Capa

Adriano de Andrade

Comitê Científico: Coordenadoras e Coordenadores de GTs e de Programas de Pós-graduação

Admar Almeida da Costa (UFRRJ)
Adriano Correia Silva (UFG)
Affonso Henrique V. da Costa (UFRRJ)
Agemir Bavaresco (PUCRS)
Aldo Dinucci (UFS)
Alessandro B. Duarte (UFRRJ)
Alessandro Rodrigues Pimenta (UFT)
Alfredo Storck (UFRGS)
Amaro de Oliveira Fleck (UFMG)
Ana Rieger Schmidt (UFRGS)
André Cressoni (UFG)
André Leclerc (UnB)
Antonio Carlos dos Santos (UFS)
Antonio Edmilson Paschoal (UFPR)
Antonio Glaudenir Brasil Maia (UVA)
Araceli Rosich Soares Velloso (UFG)
Arthur Araújo (UFES)
Bartolomeu Leite da Silva (UFPB)
Bento Prado Neto (UFSCAR)
Breno Ricardo (UFMT)
Cecilia Cintra C. de Macedo (UNIFESP)
Celso Braidá (UFSC)
Cesar Augusto Battisti (UNIOESE)
Christian Hamm (UFMS)
Christian Lindberg (UFS)
Cicero Cunha Bezerra (UFS)
Clademir Luis Araldi (UFPEL)
Claudemir Roque Tossato (UNIFESP)
Claudinei Freitas da Silva (UNIOESTE)
Cláudio R. C. Leivas (UFPEL)
Clóvis Brondani (UFFS)
Cristiane N. Abbud Ayoub (UFABC)
Cristiano Perius (UEM)
Cristina Foroni (UFPR)
Cristina Viana Meireles (UFAL)
Daniel Omar Perez (UNICAMP)
Daniel Pansarelli (UFABC)
Daniel Peres Coutinho (UFBA)

Dirce Eleonora Nigro Solis (UERJ)
Eder Soares Santos (UEL)
Eduardo Aníbal Pellejero (UFRN)
Emanuel Â. da Rocha Fragoso (UECE)
Enoque Feitosa Sobreira Filho (UFPB)
Ester M. Dreher Heuser (UNIOESTE)
Evaldo Becker (UFS)
Evaldo Sampaio (UnB/Metafísica)
Fátima Évora (UNICAMP)
Fernando Meireles M. Henriques (UFAL)
Filipe Campello (UFPE)
Flamarion Caldeira Ramos (UFABC)
Floriano Jonas Cesar (USJT)
Franciele Bete Petry (UFSC)
Francisco Valdério (UEMA)
Georgia Amitrano (UFU)
Gisele Amaral (UFRN)
Guido Imaguire (UFRJ)
Gustavo Silvano Batista (UFPI)
Helder Buenos A. de Carvalho (UFPI)
Henrique Cairus (UFRJ)
Hugo F. de Araújo (UFC)
Jacira de Freitas (UNIFESP)
Jadir Antunes (UNIOESTE)
Jelson Oliveira (PUCPR)
João Carlos Salles (UFBA)
Jorge Alberto Molina (UERGS)
José Lourenço (UFSM)
Júlia Sichieri Moura (UFSC)
Juvenal Savian Filho (UNIFESP)
Leonardo Alves Vieira (UFMG)
Lívia Guimarães (UFMG)
Luciano Carlos Utteiche (UNIOESTE)
Luciano Donizetti (UFJF)
Ludovic Soutif (PUCRJ)
Luís César G. Oliva (USP)
Luiz Carlos Bombassaro (UFRGS)
Luiz Rohden (UNISINOS)
Manoel Vasconcellos (UFPEL)
Marcela F. de Oliveira (PUCRJ)
Marcelo Esteban Coniglio (UNICAMP)

Márcia Zebina Araújo da Silva (UFG)
Márcio Custódio (UNICAMP)
Marco Antonio Azevedo (UNISINOS)
Marcos H. da Silva Rosa (UERJ)
Maria Cecília Pedreira de Almeida (UnB)
Maria Cristina de Távora Sparano (UFPI)
Maria Cristina Müller (UEL)
Marina Velasco (UFRJ/PPGLM)
Mariana Cláudia Broens (UNESP)
Mariana de Toledo Barbosa (UFF)
Mário Nogueira de Oliveira (UFOP)
Mauro Castelo Branco de Moura (UFBA)
Max R. Vicentini (UEM)
Michela Bordignon (UFABC)
Milton Meira do Nascimento (USP)
Nathalie Bressiani (UFABC)
Nilo César B. Silva (UFCA)
Nilo Ribeiro (FAJE)
Patrícia Coradim Sita (UEM)
Patrícia Kauark (UFMG)
Patrick Pessoa (UFF)
Paulo Afonso de Araújo (UFJF)
Pedro Duarte de Andrade (PUCRJ)
Pedro Leão da Costa Neto (UTP)
Pedro Paulo da Costa Corôa (UFPA)
Peter Pál Pélbart (PUCSP)
Rafael de Almeida Padial (UNICAMP)
Renato Moscateli (UFG)
Ricardo Bazilio Dalla Vecchia (UFG)
Ricardo Pereira de Melo (UFMS)
Roberto Horácio de Sá Pereira (UFRJ)
Roberto Wu (UFSC)
Rodrigo Guimarães Nunes (PUCRJ)
Rodrigo Ribeiro Alves Neto (UNIRIO)
Samir Haddad (UNIRIO)
Sandro M. Moura de Sena (UFPE)
Sertório de A. Silva Neto (UFU)
Silvana de Souza Ramos (USP)
Sofia Inês A. Stein (UNISINOS)
Sônia Campaner (PUCSP)
Tadeu Verza (UFMG)

Tiegue Vieira Rodrigues (UFSM)
Viviane M. Pereira (UECE)
Vivianne de Castilho Moreira (UFPR)
Waldomiro José da Silva Filho (UFBA)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB7/5880

F488

Filosofia Medieval / Organização Alfredo Storck...et al. --
São Paulo: ANPOF, 2019.

186 p.

ISBN: 978-85-88072-78-7

Outros autores: Ana Rieger Schmidt, Cristiane Negreiros, Abbud
Ayoub Jorge L. Viesenteiner, Manoel Vasconcellos, Nilo César B. Silva

Filosofia medieval.I. Storck, A.II. Título

CDD 189

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia medieval